

Ciclos e reviravoltas no campo externo

Celso Pinto

A atual moratória em que o Brasil se meteu completa um dos mais extraordinários ciclos de reviravoltas que um único governo foi capaz de produzir. Em quatro anos e meio de governo Sarney o País teve pelo menos quatro guinadas na questão da dívida, quase uma por ano de mandato.



O governo — lembram-se? — começou estritamente ortodoxo em relação à dívida externa, sob o comando de Francisco Dornelles e a inspiração conservadora de Tancredo Neves. Tancredo queria ter assumido com um acordo em vigor com o FMI. Não conseguiu, por falta de visão do Fundo — como seu diretor-gerente de então, Jacques de Larosiére, reconheceria depois —, mas deixou a herança de sua intenção de buscar um ajuste nas regras do jogo ao seu sobrinho e, inevitavelmente, ao seu vice-presidente.

A tentativa ortodoxa durou seis meses, já sob a batéria do então ministro do planejamento, João Sayad. A ascensão de Dilson Funaro, em agosto de 1985, começaria a marcar uma guinada cujo ápice foi a moratória de fevereiro de 1987. Sabe-se que o presidente Sarney namorava com a hipótese de tentar uma saída heterodoxa desde o final de 1985, ainda que, feita a moratória e constatada uma indiferença disseminada a ela, o presidente tenha começado a mudar de idéia poucos dias depois de anunciá-la

em cadeia nacional de televisão.

O ex-ministro Breßer Pereira começou sua gestão tentando recompor o diálogo com os credores, voltou a pagar algo dos juros como gesto de boa vontade, mas, passados alguns meses, perdeu as esperanças e sugeriu uma saída unilateral, heterodoxa, ao presidente. Não deu certo. Naquele momento, o presidente, como insistentemente comentou com interlocutores na época, havia se desiludido da "aventura" a que tinha sido levado com a moratória.

A volta à velha ortodoxia dos primeiros dias de governo completou seu ciclo com o acordo assinado no ano passado pelo Brasil com os bancos credores — que deveria ter recolocado o País, definitivamente, na rota do ajuste monitorado pelo FMI. Não deu certo. Mesmo sem ter rompido, ainda, de forma cabal, com os parâmetros mais ortodoxos, o que claramente parece se avizinhar é um afastamento do leito onde está, por exemplo, o México.

E o que esta ciclotimia em relação à dívida externa prova? Nada, exceto que o presidente parece ter uma atração irresistível pela ambigüidade e uma natural vocação para rever suas posições tão logo ficam claros os pontos e a força da resistência política a elas. Sarney, em certo sentido, ajudou a destruir os responsáveis pela execução das guinadas que ele mesmo inspirou. O que se constata, no final, é que acabou ajudando a destruir a si mesmo e a seu governo.

Celso Pinto é correspondente deste jornal em Londres.